

RESENHA: LÖWY, MICHAEL. *ECOLOGIA E SOCIALISMO*. São Paulo: Cortez, 2005. 94p.

CHADDAD, Flávio Roberto. Mestre em Educação pela PUC-Campinas. Mestrando em Educação Escolar pela UNESP - Araraquara (SP). Endereço: Rua Benedito Pires de Almeida, n.º15. Vila Rica I. Dois Córregos-SP. Cep: 17300-000. E-mail: frchaddad@gmail.com.

Hoje o mundo vive uma crise ambiental. Ela suscita buscas a fim de se encontrar respostas que tragam horizontes para se pensar o mundo. Nessa busca é que se situa a análise de Michael Löwy sobre o pensamento ecológico no marxismo.

Verifica-se, no primeiro capítulo – *Progresso destrutivo: Marx, Engels e a Ecologia* –, que a ecologia não é tema central nessas obras. Podemos inferir que este fato é decorrente da própria época em que viviam os autores, quando a natureza era vista como um bem ilimitado. Porém, algumas passagens referentes à natureza e de como ela deva ser conduzida pelo ser humano podem ser notadas. Assim, nos manuscritos escritos em 1844, Marx faz referência a natureza como se fosse o corpo orgânico do homem; em um outro texto, sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem, de 1876, há uma crítica pela forma predatória que o homem utiliza a natureza, considerando que as ações que praticamos contra a natureza se voltam contra nós; no livro III do *O Capital*, vemos esboçar uma verdadeira problemática ecológica. O que se encontra nesse texto é um tipo de teoria da ruptura do metabolismo entre as sociedades humanas e a natureza, como resultado do produtivismo capitalista; no livro I de *O Capital* há uma crítica à destruição das florestas e à perda da capacidade produtiva dos solos; na obra de Engels, *A Dialética da Natureza*, ele cita a desertificação em solo cubano provocado pelos grandes produtores de café; o problema da poluição do meio ambiente não está ausente, mas é abordado sob o ângulo da insalubridade dos bairros operários nas grandes cidades inglesas, nas páginas da *A condição da classe operária inglesa de 1844*. A partir dessas passagens, como podemos analisar a ecologia na obra de Marx? Podemos dizer que elas parecem considerar que a conservação da natureza está ligada à superação do produtivismo capitalista, como uma tarefa fundamental do socialismo, e isto se comprova no volume III, de *O Capital*, em que Marx parece aceitar o princípio da responsabilidade, a obrigação de cada geração de respeitar o meio ambiente – a condição de existência das próximas gerações.

No segundo capítulo do livro – *O que é ecosocialismo* –, Löwy aponta o cenário atual que envolve a problemática ambiental, bem como deve ser a reação a este cenário por parte do socialismo. Ele afirma que devemos trocar os valores quantitativos pelos valores qualitativos, dar maior ênfase ao valor de uso - as nossas necessidades, o que não está ocorrendo no mundo de hoje e que contribui decisivamente para a crise ambiental. Nessa perspectiva, a inserção do discurso ecológico no marxismo é o grande desafio, o que irá exigir dos marxistas uma crítica profunda da sua concepção tradicional de forças produtivas e o rompimento com a ideologia do progresso linear que não deve encontrar respaldo no marxismo.

Ele acrescenta que, além da primeira contradição estudada e apontada por Marx – entre proletários e burgueses –, há também uma segunda, que nada mais é que a das forças produtivas e a natureza. O que está havendo é a ruptura do equilíbrio natural da Terra, o que vai e está afetando a sobrevivência da vida humana. Assim, não se pode negar a grande relação entre o produtivismo e o capitalismo. Não se pode esquecer que, sem levar em conta o produtivismo e a lógica do lucro, toda luta da ecologia política está fadada ao fracasso. Mais que isso, não se pode negar também que a humanidade está em um ponto jamais pensado em toda a sua História. Se continuar com o atual sistema de produção e optar pelo produtivismo, aos poucos todos os recursos do planeta se exaurirão; porém, se optar por parar de consumir, consumir só o essencial, bilhões de pessoas perderão seus empregos e o mundo entrará em uma recessão jamais vista.

É nesse sentido que se torna necessário pensar em um outro modo de produção, baseado no socialismo, uma economia que dê ênfase aos valores de uso e não mais aos valores de troca, pois o mundo está condenado se este sistema persistir. Hoje, para se ter uma ideia, está-se utilizando 30% a mais de recursos naturais do que a Terra consegue repor, realizar a ciclagem dos materiais. Caso se universalizasse o tipo de desenvolvimento dos Estados Unidos para o mundo, necessitaríamos de cinco planetas Terra, algo impensado. Nesse ponto, então, ele define o que é ecossocialismo. Em suas palavras:

"Trata-se de uma corrente de pensamento e de ação ecológica que faz suas aquisições fundamentais do marxismo - ao mesmo tempo em que o livra das suas escórias produtivistas. Para os ecossocialistas a lógica do mercado e lucro - assim como a do autoritarismo burocrático de ferro do socialismo real - são incompatíveis com as exigências de preservação do meio ambiente natural" (p.47).

Citando James O'Connor, ele afirma que o objetivo do socialismo ecológico seria uma sociedade

ecologicamente racional, fundada no controle democrático, na igualdade social, e na predominância do valor de uso, além de supor que a propriedade dos meios de produção deva ser coletiva, deva haver um planejamento democrático que permita à sociedade definir os objetivos da produção e os investimentos, bem como uma nova estrutura tecnológica das forças produtivas. Esta economia deve começar com as substituições das fontes de energias – de cunho não renováveis – para fontes alternativas, como eólica e solar, não se movimentando pelo lucro, mas sim pelas escolhas e necessidades da população: um planejamento local, nacional e internacional é a meta. Como enfatiza, não se deve apenas fazer com que a revolução social aconteça e que se coloquem os bens de produção capitalista para funcionar em favor dessa nova sociedade. É necessário "quebrar" esses bens de produção, transformar o próprio conceito de produção, pois esses bens de produção estão em favor do lucro, da grande produção e, portanto, contrários a um meio ambiente saudável. E tudo isso deve ser feito tendo como garantia o pleno emprego e a força de trabalho.

No terceiro capítulo do livro – *Por uma ética ecossocialista* –, ele afirma que o capitalismo busca transformar e destruir valores, que eram sagrados e cultivados pelas populações das mais diferentes localidades da Terra, e que agora – para este sistema – passam a ter apenas e somente um valor de troca. Segundo afirma, essas populações e a natureza são transformadas em simples mercadorias, num processo brutal de reificação dessas entidades pela lógica da quantificação, que é a essência do capital. Citando E.P. Thompson, ele diz que a reação a este sistema capitalista há muito já fazia se sentir. As greves de fome (em que as mulheres desempenhavam o papel principal) eram uma forma de resistência ao mercado – em nome da antiga "economia moral" das normas comunitárias tradicionais – que não deixavam de ter a sua racionalidade e que provavelmente salvaram as camadas populares da fome.

Nessa perspectiva é que se insere a ética do socialismo moderno, em suas palavras, que nada mais é do que fundar a produção não mais em critérios de

mercado e do capital, em critérios da rentabilidade e do lucro, mas em critérios que levem em conta as necessidades sociais e no bem comum, a justiça social, valores qualitativos, irredutíveis à quantificação mercantil e monetária, recusando determinadamente o produtivismo tanto capitalista quanto do socialismo real, bem como se aproveitando de todo conhecimento técnico e científico gerado pela humanidade até aqui. Este é o destino do socialismo que se baseia, segundo o autor, em quatro pilares

éticos: Lutar por uma ética que recuse o desperdício; Lutar por uma ética igualitária em que haja uma redistribuição de riquezas e um desenvolvimento em comum dos recursos, graças ao novo paradigma produtivo; Lutar por uma ética da solidariedade, que implique a apropriação coletiva dos meios de produção e na sua distribuição coletiva; e, por fim, Lutar por uma ética democrática, em que as decisões serão tomadas – não pelo mercado – mas pelo conjunto de homens.

RECEBIDO EM 30/7/2013

ACEITO EM 29/9/2013